

QUANDO ENSINAR É CUIDAR: AMBIENTES DE APRENDIZAGEM SEGUROS E PEDAGOGIAS ATIVAS NA FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE

Camila Aparecida Moraes Marques, PhD

Programa de Pós-Graduação em Ensino nas Ciências da Saúde,
Faculdades Pequeno Príncipe, Brasil

Jennifer Meka, PhD

Jacobs School of Medicine and Biomedical Sciences, University
at Buffalo, Estados Unidos

A educação na saúde vive atualmente um momento decisivo, marcado por profundas transformações nas formas de ensino, aprendizagem e avaliação. Essas mudanças são impulsionadas tanto pelas crescentes demandas dos sistemas de saúde quanto pela complexidade dos ambientes de prática. Nesse contexto, temas como currículo, processos de ensino e aprendizagem, avaliação formativa e somativa, segurança do paciente, inclusão, educação continuada e integração entre educação, serviços e comunidade tornam-se centrais para garantir a formação de profissionais críticos, competentes e socialmente responsáveis. A reflexão sobre esses eixos não se limita aos espaços acadêmicos: ela influencia diretamente a qualidade do atendimento, a humanização das relações e a capacidade das equipes de saúde de responder a desafios emergentes, como novas tecnologias, mudanças socioculturais, desigualdades no acesso e demandas éticas cada vez mais sofisticadas. Assim, discutir a educação em ciências da saúde e seus instrumentos de avaliação significa, simultaneamente, debater a formação de identidades profissionais, o fortalecimento de práticas seguras, a construção de ambientes inclusivos e o compromisso social com a promoção da saúde. A relevância desse conjunto de temas explica a pertinência do escopo da Revista Espaço para a Saúde e destaca o papel estratégico de suas publicações de 2025, que trazem à tona questões contemporâneas e contribuem para ampliar o repertório teórico, metodológico e reflexivo da área.

A educação na saúde, por sua própria natureza, requer uma articulação complexa de conhecimentos científicos, habilidades técnicas, raciocínio clínico, pensamento crítico e competências socioemocionais. Nesse contexto, a aprendizagem ativa surge como uma abordagem indispensável, pois coloca os alunos no centro do processo de formação e promove o desenvolvimento de capacidades essenciais para a prática profissional. Ao propor situações reais ou simuladas, estudos de caso, resolução colaborativa de problemas e atividades reflexivas, as metodologias ativas aproximam os alunos dos desafios concretos da saúde, estimulando a análise crítica, a tomada de decisões, a empatia e o trabalho em equipe, elementos fundamentais para um desempenho competente e ético em diversos contextos de atendimento.

No entanto, a eficácia da aprendizagem ativa depende diretamente da existência de um ambiente de aprendizagem seguro, um aspecto particularmente relevante na formação das profissões da saúde. Os alunos dessa área enfrentam desde cedo contextos emocionalmente intensos, exposição a situações de vulnerabilidade humana, exigências práticas progressivas e dilemas éticos inerentes ao atendimento. Um ambiente seguro, abrangendo as dimensões psicológica e física, permite que eles se sintam à vontade para cometer erros, fazer perguntas, experimentar novas abordagens e reconhecer seus limites sem medo de julgamento ou sanções punitivas. Na prática clínica e em ambientes laboratoriais, isso se traduz em supervisão qualificada, respeito pelo ritmo de aprendizagem, comunicação clara e uma cultura de feedback. A segurança não é apenas uma exigência pedagógica.

Em discussões sobre ambientes de aprendizagem seguros, Bell Hooks, Brené Brown e Nel Noddings convergem ao afirmar que o cuidado é um fundamento ético e pedagógico. Para Hooks¹, uma sala de aula libertadora surge do compromisso com a presença, a escuta atenta e a reciprocidade, criando um espaço onde cada pessoa pode existir sem medo de ser silenciada. Brené Brown² reforça essa visão ao mostrar que a coragem de aprender depende da possibilidade de vulnerabilidade; somente em contextos que acolhem imperfeições e tratam os erros como parte do processo é que a curiosidade pode realmente florescer. Nel Noddings^{3,4}, por sua vez, destaca o cuidado relacional como o núcleo de toda educação significativa, enfatizando que a confiança e a receptividade entre educadores e alunos são essenciais para um pertencimento autêntico. Juntos, esses pensadores esclarecem que ambientes de aprendizagem seguros não são meramente condições estruturais, mas relações vivas que nutrem a dignidade, a conexão e a coragem de aprender.

A teoria de Brené Brown² sobre cuidado e conexão centra-se na ideia de que relações significativas e, por extensão, aprendizagem significativa são construídas através da vulnerabilidade, empatia e coragem. Para Brown², cuidar não é apenas uma postura emocional, mas uma prática ativa de se mostrar com autenticidade e permitir-se ser visto. Ela argumenta que a conexão prospera quando as pessoas se sentem seguras o suficiente para compartilhar suas imperfeições e experiências sem medo de julgamento, o que cria o que ela chama de “segurança psicológica”. Em ambientes de aprendizagem, isso significa cultivar espaços onde os alunos possam expressar incertezas, assumir riscos e se envolver abertamente, confiando que seu valor não depende do desempenho. O trabalho de Brown² demonstra que o cuidado e a conexão se reforçam mutuamente: quando os indivíduos se sentem genuinamente cuidados, eles estão mais dispostos a se conectar, e essa conexão aprofunda o senso de pertencimento que sustenta o crescimento, a resiliência e a aprendizagem sincera.

Ao falar de um ambiente de aprendizagem seguro na educação para a saúde, é essencial reconhecer as contribuições de pensadores como Bell Hooks e Paulo Freire⁵, cujos trabalhos defendem uma educação baseada na humanização, na ética do cuidado e no diálogo. Freire⁵ argumenta que a aprendizagem ocorre em um encontro entre sujeitos, no qual a curiosidade, o questionamento, o erro e a reflexão crítica são bem-vindos como motores dos princípios do conhecimento diretamente ligados à construção da segurança psicológica. Para ele, a verdadeira aprendizagem não pode ocorrer sem o respeito pela dignidade do aluno, nem sem uma relação pedagógica na qual ninguém oprime ou é oprimido, mas todos ensinam e aprendem juntos. Bell Hooks² aprofunda essa perspectiva ao afirmar que o ambiente educacional deve ser um “lugar de entusiasmo”, afeto, escuta e pertencimento, onde os alunos se sintam autorizados a existir plenamente, sem medo de julgamento ou silenciamento. Em suas discussões sobre pedagogia engajada, Hooks² enfatiza que a sala de aula só se torna um espaço seguro quando os educadores também se envolvem emocionalmente no processo, cuidando de si mesmos e dos outros.

A teoria de Nel Noddings^{3,4} sustenta que toda a educação se baseia em relações e que a aprendizagem floresce quando os alunos se sentem genuinamente cuidados e quando as instituições apoiam intencionalmente práticas relacionais. Para Noddings^{3,4}, o cuidado não é uma alternativa à excelência acadêmica, mas um pré-requisito fundamental para o envolvimento profundo, a resiliência diante dos desafios, a investigação genuína e a prática ética. Sua perspectiva destaca que os ambientes educacionais verdadeiramente transformadores são aqueles em que educadores e alunos participam de relacionamentos atenciosos, responsivos e sustentados que nutrem o desenvolvimento intelectual e humano.

Como neste editorial, que se baseia em estruturas teóricas contemporâneas para examinar a centralidade das relações e do contexto nos processos educacionais, é importante observar que a Conferência Macy⁶ definiu o ambiente de aprendizagem como “as interações sociais, a cultura, as estruturas organizacionais e os espaços físicos e virtuais que cercam e moldam as experiências, percepções e aprendizagem dos alunos”. O relatório enfatiza que tais ambientes são produzidos e podem igualmente ser cultivados ou restringidos por culturas institucionais, sistemas de saúde, parceiros clínicos, comunidades e espaços virtuais. De acordo com o Relatório Macy⁶, “ambientes de aprendizagem exemplares preparam, apoiam e inspiram todos os envolvidos na educação das profissões da saúde e na assistência médica a trabalhar em prol da saúde ideal dos indivíduos, populações e comunidades”, reconhecendo que estudantes, profissionais de saúde, professores não clínicos, funcionários, pacientes e famílias constituem coletivamente esses ecossistemas formativos. Juntamente com as organizações nas quais aprendem, trabalham e recebem cuidados, esses atores colaboram para expandir suas capacidades e estabelecer espaços de aprendizagem que promovam consistentemente a saúde e o bem-estar de todos.

À luz dessas reflexões, fica claro que o avanço da educação na saúde requer mais do que inovação metodológica ou reformulação curricular; exige um profundo compromisso ético, relacional e institucional com o cultivo de ambientes nos quais a aprendizagem, o cuidado e o desenvolvimento humano possam realmente florescer. Ao integrar as contribuições de Hooks¹, Freire⁵, Brown² e Noddings^{3,4}, juntamente com os princípios articulados no Relatório Macy⁶, este editorial ressalta que ambientes de aprendizagem seguros e transformadores não são acidentais, mas o resultado de práticas intencionais que valorizam o diálogo, a vulnerabilidade, a consciência crítica e a responsabilidade relacional. Nesse sentido, a *Revista Espaço para a Saúde* reafirma sua missão como plataforma essencial para fortalecer o campo: ao divulgar pesquisas, fomentar o debate interdisciplinar e promover discussões contemporâneas que unem teoria e prática, a revista contribui de forma decisiva para a construção de culturas educacionais que defendem a dignidade, a equidade e o bem-estar coletivo. À medida que os sistemas de saúde enfrentam desafios cada vez mais complexos, o compromisso com a promoção de ambientes de aprendizagem intelectualmente rigorosos e eticamente fundamentados capazes de apoiar e transformar os alunos torna-se não apenas desejável, mas imperativo, e a *Revista Espaço para a Saúde* continua sendo um espaço vital para sustentar e expandir esse compromisso.

REFERÊNCIAS

1. Hooks B. Teaching to transgress: education as the practice of freedom. Nova Iorque: Routledge; 1994.
2. Brown B. Daring greatly: how the courage to be vulnerable transforms the way we live, love, parent, and lead. Nova York: Gotham Books; 2012.
3. Noddings N. Caring: a relational approach to ethics and moral education. Berkeley: University of California Press; 1984.
4. Noddings N. The challenge to care in schools: an alternative approach to education. New York: Teachers College Press; 2005.
5. Freire P. Pedagogy of the oppressed. New York: Continuum; 1970.
6. Josiah Macy Jr. Foundation. Improving the learning environment for the health professions. New York: Josiah Macy Jr Foundation; 2018.

